

Letras ao acaso

written by Miguel Correia | 18 de Maio, 2026

OCIDADÃO
Journalismo Livre

CRÓNICA
Miguel Correia



A máquina de propaganda governamental especializou-se na arte da “primeira pedra”, transformando instrumentos financeiros como o PRR (Plano de Recuperação e Resiliência), PT2030 OU PTRR em autênticos espectáculos de ilusionismo mediático. Com pompa, circunstância e uma cenografia cuidadosamente estudada, anunciam-se bazucas de milhões e planos de fomento que, no papel, prometem modernizar o país e resgatar a economia do marasmo. Contudo, para o cidadão comum e para o tecido empresarial real, estes anúncios não passam de ruído de fundo ou, pior, de uma miragem inalcançável. A estratégia é cíclica: organiza-se a conferência de imprensa, descerra-se a placa comemorativa e garante-se que o “dinheiro está a caminho”.

No entanto, entre a euforia do anúncio e a conta bancária dos beneficiários, ergue-se um muro intransponível de burocracia propositada, onde os prazos se dilatam e as regras de elegibilidade se tornam tão herméticas que apenas os suspeitos

do costume – grandes grupos ou entidades próximas do poder – parecem ter a chave para abrir o cofre público...

O perigo desta saturação publicitária reside na desconexão total entre a narrativa oficial e a realidade prática, alimentando um terreno fértil para desvios e má gestão de fundos. Enquanto a “segunda pedra” nunca chega e os projectos estruturantes ficam pelo caminho, a excessiva visibilidade dada aos montantes globais serve apenas para camuflar a falta de execução e o desperdício em consultorias e intermediários. Esta propaganda financeira funciona como um anestésico social: tenta-se convencer a opinião pública de que o país está a ser inundado de capital, quando, na verdade, a maior parte dessa liquidez fica retida nos corredores do Estado ou é canalizada para obras de fachada que pouco ou nada contribuem para o valor acrescentado nacional.

No fim do dia, o que resta é o esqueleto de promessas por cumprir e a sensação amarga de que estes planos são desenhados não para chegar às mãos das pessoas, mas para sustentar uma máquina política que sobrevive da imagem da abundância, enquanto a economia real continua a mendigar por oxigénio e transparência.